

Determinantes do crescimento

Pesquisadores analisam os desajustes que impedem o Brasil de retomar a trilha da expansão econômica

Solange Monteiro, do Rio de Janeiro

O Brasil se encontra mergulhado na crise que já é uma das mais longas de sua história, cujas características diferem de crises anteriores e devem comprometer as expectativas de crescimento do país ainda por vários anos. Hoje, a combinação de elementos como crise política e ajuste fiscal com o desafio de reverter índices como uma queda do investimento fixo estimada em 25% entre 2014 e 2016 e perda de 22% do valor adicionado da indústria de transformação, impõe a necessidade de estruturar um vigoroso plano de ação.

No livro *A crise de crescimento do Brasil*, os organizadores Regis Bonelli e Fernando Veloso reúnem trabalhos recentes desenvolvidos pelos pesquisadores da Economia Aplicada da FGV/IBRE sobre as características da atual crise, como estas se combinam com desajustes estruturais do país, e as tendências de longo prazo que concorrem para o crescimento brasileiro.

A obra parte da análise do peso das determinantes doméstica e ex-

terna do processo de desaceleração econômica mais recente, a partir de 2011. Silvia Matos demonstra, a partir de um estudo em painel com 14 países emergentes, que a desaceleração econômica brasileira foi a mais intensa do grupo, e que apenas 30% dessa tendência podem ser atribuídos ao ambiente internacional. Já Braulio Borges compara o desempenho da atividade a partir de um horizonte mais amplo, desde a queda do Lehman Brothers em 2008, concluindo que a desaceleração brasileira não foi diferente da constatada na média global, e que há uma interconexão entre a redução do crescimento potencial e fatores alheios à política econômica doméstica. A tese do pesquisador é rebatida por Samuel Pessôa, que ressalta os efeitos da Nova Matriz Econômica para a eficiência da economia e o equilíbrio macroeconômico. Esse contraponto de ideias presente no livro, diz Bonelli, reflete o “ambiente de liberdade intelectual que permeia o trabalho de pesquisa do IBRE”.



Bonelli, por sua vez, é autor de dois capítulos. Em um deles, em parceria com Armando Castelar, analisa os fatores que levaram à queda de participação da indústria no PIB brasileiro, salientando o fraco desempenho da produtividade como elemento-chave desse movimento desde o final dos anos 1990. No outro capítulo, o economista relaciona a baixa produtividade à redução do potencial de crescimento do país, que passou de 3,9% anuais – conforme calculado por Bonelli e Bacha em 2013 – para 2,5%. No livro, o encolhimento gradativo da taxa de crescimento do produto potencial também é relacionado à queda da oferta de trabalho, com o fim do bônus demográfico. O capítulo de Fernando de Holanda Barbosa Filho, Cassio M. Turra (UFMG), Simone Wajnman (UFMG) e Raquel Guimarães (Universidade do Paraná) aponta que esse processo se dará ao longo dos próximos 40 anos e demandará respostas que vão da ampliação da taxa de participação de pessoas de

faixa etária mais elevada no mercado de trabalho a soluções alternativas, como maior abertura e atração de mão de obra estrangeira.

Poupar, investir e produzir

Entre as demais variáveis determinantes do crescimento, Vinicius Botelho e Paulo Henrique Peruchett escolheram estudar a taxa de poupança. A partir de uma comparação entre Brasil e Estados Unidos, os pesquisadores identificaram que a ampla rede de seguro social oferecida pelo país em comparação à dos EUA não induz as pessoas a guardar reservas para se precaver de riscos futuros, afetando com isso a taxa de juros e o gasto do governo que, por sua vez, impactam o equilíbrio fiscal. Juros e poupança também foram o tema de estudo de Livio Ribeiro e Fernando Veloso, que demonstram que a poupança agregada foi o fator individualmente mais importante para explicar oscilações dos juros reais brasileiros nos anos 2000. Eles defendem o estímulo ao aumento de poupança para permitir uma redução da taxa de juros de equilíbrio, apontando que taxa alta é um dos principais obstáculos para o desenvolvimento, por pressionar a dinâmica da dívida pública e induzir a uma alocação ineficiente de recursos.


José Roberto Afonso, Vilma da Conceição Pinto e Bernardo Fajardo focaram sua análise no investimento público como indutor de crescimento. Eles indicam que este século marcou o nível mais baixo de investimento público da história do país. Os recursos excedentes verificados no período, lembram, foram direcionados muito mais ao custeio do que ao investimento, e este passou a se concentrar mais nas

Bonelli e Veloso apontam que a tarefa de reposicionar o Brasil para potencializar seu crescimento exigirá tempo e persistência dos gestores de política econômica

estatais, principalmente a Petrobras. O desafio lançado é como promover ajuste fiscal e retomar investimentos públicos, em especial os de infraestrutura, caros para a competitividade.

Daniela de Paula Rocha, Ignez Vidigal Lopez e Mauro Lopes destacam em seu capítulo que é a ineficiência dos investimentos para ampliação de infraestrutura o grande desafio da produção agrícola brasileira. Mesmo com a manutenção de perspectivas favoráveis para o setor, tanto por aumento da produtividade quanto por ampliação da área utilizada, os pesquisadores lembram que os custos logísticos voltaram a ser ameaça estrutural, que já não conta mais com o sobrepreço das *commodities* para amortizá-los. A reversão desse quadro, dizem, dependerá de o país reduzir a concentração do escoamento de elevada parcela de grãos ainda em portos do Sul e Sudeste através da abertura de caminhos do Centro-Oeste para portos da Região Norte, que reduziriam os custos de transporte em até 30% os custos.

O último capítulo do livro é dedicado ao comércio exterior, ao analisar os desafios da relação do Brasil com seu principal parceiro comercial, a China. No texto, os pesquisadores Lia Valls e Livio Ribeiro comparam o Brasil com outras economias latino-americanas exportadoras de bens primários e apontam que, enquanto países como Chile, Peru e Colômbia avançaram na negociação de acordos comerciais buscando uma maior inserção em cadeias de valor, o país concentrou-se no adensamento das cadeias produtivas locais, mantendo elevadas tarifas de importação e pouco dinamismo em acordos, bem como pouca efetividade em investimentos em infraestrutura. E, devido a essas escolhas, deverá ter mais dificuldades para aproveitar as oportunidades abertas com as mudanças no modelo de crescimento chinês.

Na introdução do livro, Bonelli e Veloso apontam que a tarefa de reposicionar o Brasil para potencializar seu crescimento “exigirá tempo e persistência dos gestores de política econômica”, e principalmente “a adoção de um plano de ação com metas de curto, médio e longo prazo críveis e adequadas à gravidade do contexto em que estamos”. E que o trabalho dos 17 pesquisadores concentrado nos 10 capítulos do livro poderá auxiliar no desenho dessa rota. 

Ficha técnica: *A crise de crescimento do Brasil.*

Organizadores: Regis Bonelli e Fernando Veloso.

Publicações: FGV/IBRE.

Editora: Elsevier.

Previsão de lançamento: maio.